

A IMPORTÂNCIA DO PROJETO DE INTERIORES RESIDENCIAL NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA¹

Thamara Ramalho Calonga², Lúcia Patrícia Monneratt

Resumo: Este estudo trata da importância e da influência do espaço construído no comportamento do usuário, mais especificamente, a importância de se projetar interiores residenciais voltados para impulsionar o desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro autista. Buscou-se entender se, de fato, o projetar estes ambientes pensando na condição e nas atividades da criança autista auxilia e/ou influencia no comportamento deste usuário. O objetivo deste trabalho é entender as escolhas específicas que ajudam a melhorar a capacidade cognitiva e interação social do paciente e a relevância do projeto de interiores neste processo. Para isto, a metodologia utilizada para o desenvolvimento deste artigo foi uma pesquisa descritiva, com base em revisão bibliográfica e coleta documental, trazendo resultados qualitativos baseados em estudos anteriores. Os resultados encontrados indicam que o planejamento do espaço residencial pensado para a criança com Transtorno de Espectro Autista - TEA é importante para o seu desenvolvimento e minimiza suas limitações.

¹Parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em Designer de Interiores pela instituição IPOG

²Graduanda em Arquitetura e Urbanismo – UNIVIÇOSA. e-mail: thamara.calonga@gmail.com

Como existem diferentes graus de autismo, conclui-se que o olhar individualizado para a criança é um passo importante no planejamento de projeto e que este possibilita o melhor desenvolvimento e aumento das habilidades sociais dela.

Palavras-chave: Ambiente construído, Autismo, Psicologia ambiental

Abstract: *This paper deals with the importance and influence of built space on user behavior, specifically the importance of designing residential interiors aimed at boosting the development of children with autism spectrum disorder. It tries to understand if designing these environments thinking about the condition and activities of the autistic child helps and/or influences the behavior of this user. The objective of this work is to understand the specific choices that help to improve patient's cognitive ability and social interaction and the relevance of interior design in this process. Methodology used for the development of this article was a descriptive research, based on bibliographic review and documental collection, bringing qualitative results based on previous studies. The results found indicate that the planning of the residential space designed for children with ASD is important for their development and minimizes their limitations. With this, it was concluded that there are different degrees of autism and that is why the individuality of the child is an important step in project planning and that it enables the best development and increase of their social skills.*

Keywords: Autism, Built environment, Environment psychology

INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista é caracterizado como uma condição neurológica que afeta o comportamento social, a comunicação do indivíduo e a percepção do espaço, atingindo uma criança em cada 160 (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2022). A grande questão em crianças autistas diz respeito ao processamento sensorial delas, ou seja, a forma de perceber e interagir com o espaço ao seu redor. Elas apresentam reações variáveis aos diversos estímulos ambientais, podendo ser mais ou menos significativas do considerado “normal” (MOSTARDEIRO, 2019). Essas crianças, devido a sua condição, de forma recorrente, não se sentem confortáveis ou acolhidas em suas próprias casas que não foram compatibilizadas para auxiliar no uso e percepção do ambiente. A casa é um espaço que deve retratar a individualidade de quem ali habita e refletir os desejos dos seus moradores (GONÇALVES; PAIVA, 2014), já que o contexto físico e social do entorno possibilita a visualização da importância e a influência do meio nas atitudes, emoções e desenvolvimento das pessoas. Essa consonância entre pessoa/ambiente promove saúde e bem-estar (PINHEIRO; GÜNTHER; GUZZO, 2019). Diante disto e entendendo a importância do espaço residencial atender as demandas individuais dos seus moradores, percebe-se que, devido às limitações sensoriais das pessoas com autismo, o espaço onde habitam necessita ser muito bem pensado para que não se tornem espaços estressantes e insalubres. Neste trabalho, essa problemática será tratada com foco no desenvolvimento da criança com TEA, considerando o objetivo geral da pesquisa a relevância do projeto de interiores neste processo. Paralelamente, existe o objetivo de compilar informações e diretrizes que embasem o desenvolvimento de

um projeto de interiores residencial inclusivo e interessante para essas crianças. Este estudo se justifica na tentativa de levantar informações relativas ao tema trabalhado e, desta forma, dar subsídios aos profissionais da área para que percebam as possibilidades de intervenção no espaço de vivência destes usuários e que isso reflita em bem-estar e acolhimento.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada no desenvolvimento deste artigo foi uma pesquisa descritiva, com base em revisão bibliográfica e coleta documental, trazendo resultados qualitativos baseados em estudos anteriores. A estrutura do trabalho se inicia levantando a importância do espaço e do ambiente construído na estimulação e comportamento humano, com a conceituação de psicologia ambiental e como essa relação funciona para as crianças. Em um segundo momento, essa percepção é afunilada para o ambiente residencial, e em como a personalidade individual das pessoas é representada no espaço da sua própria casa. Depois deste embasamento inicial, são colocados dados sobre o transtorno do espectro autista informando ao leitor características, estatísticas e formas de classificação para que fique claro os pontos a serem trabalhados e percebidos nas crianças com essa condição. E por fim, estes levantamentos são contrapostos de forma a evidenciar a melhor forma de adequar o ambiente residencial para impulsionar o desenvolvimento da criança e a para mostrar a importância do projeto de interiores pensados para estes usuários com TEA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As soluções de design e arquitetura voltadas para o público com transtorno do espectro autista, segundo Paiva e Galvão (2021) consideram no projeto esse déficit no processamento sensorial destes pacientes e tem se apresentado bem-sucedidas. Uma ferramenta importante foi criada pela arquiteta egípcia Magda Mostafá, o ASPECTSS™ Design Index, um índice de diretrizes para guiar o projeto de design em ambientes voltados para pessoas com TEA (PAIVA; GALVÃO, 2021).

Mostafá desenvolveu este índice com base em uma pesquisa experimental onde observava os problemas presentes no ambiente construído que afetavam usuários autistas. Esses problemas eram verificados através de entrevistas com pais, cuidadores e professores de crianças com autismo e por fim, concluiu-se que os espaços deveriam propiciar calma e tranquilidade, proporcionando experiências gerenciáveis em ambientes organizados não muito grandes e sem muitas distrações e onde houvesse um fluxo lógico e seguro. Tais informações foram resumidas em estratégias gerais de design e projeto que trariam efeitos positivos no comportamento da pessoa autista: redução de informações sensoriais e organização do espaço para permitir sua previsibilidade (MOSTAFÁ, 2015).

Estas estratégias são representadas e divididas em sete critérios de projeto que compõe o ASPECTSS™ Design Index: 1) Acústica - Manipulação do ambiente acústico, adequando ruído de fundo, eco e reverberação; 2) Sequenciamento espacial - Exploração da afinidade dos autistas com a rotina e a previsibilidade; 3) Espaço de fuga - Promoção de um

espaço para uma pausa da estimulação do ambiente; 4) Compartimentação - Determinação e limitação do ambiente sensorial de cada atividade; 5) Transições - Local para recalibração dos sentidos na mudança de estímulos; 6) Zoneamento sensorial - Ordenação dos ambientes conforme a sua qualidade sensorial; 7) Segurança - Promoção de espaços seguros, já que os autistas podem ter a percepção do ambiente alterada.

Utilizando-se das estratégias de projeto de Mostafá (2015), tem-se:

A acústica, buscando a redução de barulhos internos e externos através do uso de materiais que auxiliem a absorção do som, podendo ser materiais a prova de sons, paredes de cavidade ou mesmo evitando a utilização de objetos que emitam algum tipo de ruído, como luzes fluorescentes ou algum aparelho eletrônico. A ideia aqui não é criar um espaço a prova de sons, mas possibilitar diferentes níveis de estímulos sonoros para que a criança consiga aos poucos se habituar com situações reais; o sequenciamento espacial visando a organização do espaço conforme a rotina do usuário, sem alterações bruscas e disruptivas, permitindo um fluxo sensorial contínuo; os espaços de fuga que são locais intimistas a serem criados com aparência neutra com poucos estímulos sensoriais e que sejam de fácil acesso ao usuário autista. Este ambiente pode ser totalmente, física e visualmente, fechado ou pensado de forma sutil como um espaço de decompressão. A proposta é que seja um escape para a pessoa com transtorno do espectro autista da sobrecarga de estímulos do ambiente externo; a compartimentação que diz respeito a estruturar o espaço de forma que cada parte tenha somente uma função, restringindo

a possibilidade de atividades e o número de usuários. Neste ponto, o conceito aberto muito utilizado hoje em dia, pode não ser a melhor opção, uma vez que amplia os estímulos sociais e sensoriais. Essa delimitação não precisa acontecer com paredes e clausura, mas com móveis e objetos ou até mesmo cores, padrões e texturas; os espaços de transição que auxiliam na proposta do sequenciamento espacial e zonas sensoriais, permitindo que haja uma mudança bem delimitada de uma atividade para outra ou de uma estimulação sensorial para outra de forma a não haver alterações bruscas; o zoneamento sensorial, onde os ambientes são organizados de acordo com suas funções: um espaço e os seguintes tem utilidades e necessidades similares ou com alguma relação. Assim, os níveis de estimulação sensorial serão similares, podendo existirem zonas de alta, moderada ou baixa estimulação.

Nocasoda legibilidade espacial, ressalta-se a possibilidade de utilizar imagens, marcos visuais no ambiente doméstico para facilitar o reconhecimento dos diferentes setores. Quando se fala de compartimentação, o uso de diferentes cores, marcadores de piso, padrões compositivos e mobiliário são estratégias bem-vindas (CASTRO; FERREIRA, 2022). Uma característica bastante presente nesses espaços são equipamentos tecnológicos que estimulam os diferentes canais sensoriais criando novas respostas adaptativas. O controle de zoneamento sensorial pode ocorrer através do controle de luz e ventilação por meio de persianas, brises, venezianas; economia no uso de materiais e elementos decorativos; lâmpadas de LED em substituição de lâmpadas fluorescentes e uso de dimerizadores para controle da intensidade da luz; pisos e forros acústicos, vidros laminados e materiais absorventes. No tocante a segurança, são medidas interessantes: o uso de travas nas

portas; grades, portões; câmeras para monitoramento visual; elementos de amortecimento como pisos de borracha, colchões e almofadas; substituição de quinas vivas por boleadas; espaços de armazenamento que limitem o acesso da criança a itens que possam ser nocivos, como medicamentos, ferramentas, tintas (CASTRO; FERREIRA, 2022).

CONCLUSÃO

Este trabalho estudou a problemática da relevância dos projetos de design de interiores residenciais voltados para atender as necessidades de crianças com transtorno do espectro autista. Para isso, foram trazidos à luz, a relação do ser humano com o ambiente construído e, através de apontamentos da psicologia ambiental, mostraram-se referências de que a casa é uma extensão do seu usuário e por isso deve refletir os desejos do seu morador, além da sua importância como contexto físico e social que reflete no comportamento, nas atitudes, nas emoções e no desenvolvimento de quem nela habita. Percebeu-se a dificuldade de entender as necessidades específicas das pessoas com deficiências intelectuais e psicossociais, cujos cérebros não se encaixam nos padrões típicos de funcionamento.

Logo, fica claro a necessidade de mais pesquisas e interdisciplinaridade entre as várias formações, de forma que o profissional arquiteto e/ou designer de interiores possa, de forma especial e profissional, atender a demanda de se criar espaços para crianças autistas, considerando as suas características comportamentais. Consequentemente, é

inegável a importância de um projeto pensado a partir das necessidades desta criança, já que pode ser a chave para uma vida mais saudável e um desenvolvimento físico e social. E, igualmente importante são as metodologias que estão sendo criadas e desenvolvidas para guiarem os profissionais da área em direção a projetos mais assertivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Mariana Ribeiro; FERREIRA, Karla Patrícia Martins. Ambientes físicos inclusivos a crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão de literatura. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, n.1, v.35, p.1- 19, 2022.

MOSTAFA, Magda. Architecture for autismo: Built environment performance in accordance to the autismo ASPECTSS design index. **Design Principles and Practices**. Illinois, v.8, 2015.

MOSTARDEIRO, Martina. **Design de interiores para crianças com TEA**: Proposta de framework para definição de requisitos de projeto. 345f. (Design de Interiores) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Transtorno do espectro autista**. Disponível em:

<<https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>>. Acesso em: 04 abr. 2022.

PAIVA, Andréa de; GALVÃO, Márcia. **Neurodiversidade e Acessibilidade: insights da NeuroArquitetura**. NeuroAU, 2021. Disponível em: <<https://www.neuroau.com/post/neurodiversidade-e-acessibilidade-insights-da-neuroarquitetura>>. Acesso em: 04 abr. 2022.

PINHEIRO, José; GÜNTHER, Hartmut; GUZZO, Raquel Souza Lobo. **Psicologia ambiental: entendendo as relações do homem com o seu ambiente**. 4ed. São Paulo: Editora Alínea, 2019.